

Sobre o Lai du Chevreuille

Alberto Carvalho
F.Letras/U.Lisboa

Stance de Aude

L'empereur est revenu d'Espagne,
il vient à Aix, sa plus belle résidence de France.
Il monte aux palais, il est venu dans la salle.
Voici venue à lui Aude, une belle demoiselle.
Elle dit au roi: "Où est Roland le capitaine,
Qui jura de me prendre pour femme?"
Charles en a douleur et peine,
Il pleure de ses yeux, tire sa barbe blanche:
"Soeur, chère amie, tu me demandes des nouvelles d'un homme mort.
Je te donnerai en échange un fiancé encore plus prestigieux;
Ce sera Louis, je ne saurais dire mieux:
Il est mon fils, un jour il tiendra mes marches".
Aude répond: "Ces paroles sont pour moi bien étranges.
Ne plaise à Dieu, à ses saints, à ses anges,
Qu'après Roland je demeure vivante".
Elle pâlit, elle tombe aux pieds de Charlemagne,
Elle est morte sur-le-champ. Que Dieu ait pitié de son âme!
Les barons français la pleurent et la plaignent.
Chanson de Roland (Stance CCLXVIII)

Lembrança das lições de Literatura Francesa.
Homenagem à Professora Maria Alzira Seixo.

Apresentação Breve

I. Sobre a Autora

São vagos (como convém para adensar a nuvem de mistério) os dados disponíveis sobre Marie de France, que terá vivido entre 1160 e 1210, talvez natural de l'Île de France e parece que por largos anos residente em Inglaterra.

Dita primeira escritora de expressão francesa, a sua poética insere-se nas formas de amor cortês da "Matéria da Bretanha". Poema de "Amor e Morte", o Lai de *Chevreuille* entra nesse paradigma, composto por cento e dezoito versos de medida octossilábica, dominância tónica na quarta e oitava sílabas de expressão lírica que suscitam um justo efeito repetitivo de ritmo binário devido à rima aguda paralela.

II. Sobre a Obra

Como o texto, além de expor a fábula, também explicita os procedimentos da narração, a forma do discurso poético organiza-se numa sequência de sete conjuntos de versos.

III. Estruturação

A. Introdução

1º "boucle"

1. Versos 1-4: Diz-se o que se vai fazer;

2. Versos 5-10: Fala-se do Lai e resume-se a história que vai ser contada;

B. Desenvolvimento

3. Versos 11-24: Causa e consequência disfórica:

- .i)- o herói desqualifica-se por amar um objecto interdito, a mulher de “outro”;
- .ii)- denuncia por um oponente, punição pelo destinador (Rei) < > Lei, e banimento do herói;
- .iii)- amoroso irremediável, o herói cai numa mortal melancolia;

4. Versos 25-43: Início da inversão do estado de disforia:

- .i)- o herói transgredir a Ordem do banimento ao decidir regressar ao reino interdito;
- .ii)- secretamente pede e obtém propiciadoras informações dadas por adjuvantes de boa fé;

5. Versos 44-78: Preparação da situação eufórica:

- .i)- fabricação de um objecto “mágico” para atrair o objecto amado;
- .ii)- auto-justificação ética do herói: ele, Tristão, e ela, Iseu, são sujeitos e objectos recíprocos de um amor fatal, logo, trágico, de vida e morte (pacientes do filtro amoroso);

6. Versos 79-106: Realização eufórica:

- .i)- injunção-reencontro ⇒ diálogo confessional de confirmação amorosa e promessa da amada de conseguir obter o perdão do destinador ⇒ disjunção do par amoroso;
- .ii)- com o viático do amor reiterado pelo seu objecto e, para o preservar, integração do herói na Ordem, regressando ao lugar de banimento até ser perdoado.

C. Conclusão

2º “boucle”

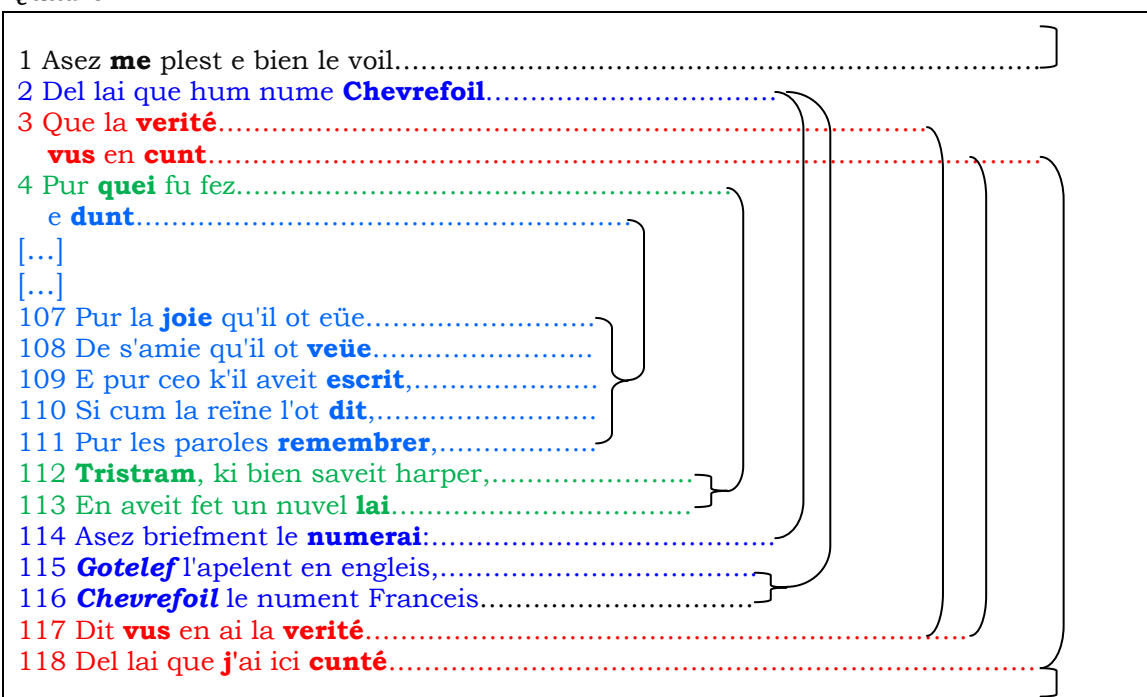
7. Versos 107-118:

- .i)- para recordar aquela situação eufórica, divino tocador de harpa Tristão compôs um novo Lai, *Gotelef* (nome em inglês), *Chevrefeuille* (nome em francês);
- .ii)- reiteração da verdade da história e afirmação Autoral da composição (em verso).

D. Comentário

1. Os “boucle” indicam a circularidade da composição como mostra o Quadro abaixo.

Quadro 1



2. Excluído o v. 1 que aponta para o exterior do texto, para o Autor (bem como o v. 118 em segundo nível de sentido), as ligações mostram que a simetria somente sofre de irregularidade nos v. 3 // 117, 118:

- . i)- Identificação do Lai (v. 2 <> v. 116, 115, 114);
- . ii)- Sua verdade (v. 3 <> v. 117);
- . iii)- Acto de contar (v. 3 <> v. 118);
- . iv)- Autoria do Lai contado (v. 4 <> v. 113, 112);
- . v)- Por quem foi feito o Lai (v. 4 <> v. 113, 112);
- . vi)- Porque foi feito o Lai (v. 4 <> v. 111- 107)

3. Assinale-se a evolução semântica entre o início e o fim do texto:

- .i)- V. 2: “De o lai” (Del lai);
- .ii)- V. 3: “a verdade [...] vou-vos contar” (la verité vus en cunt);
- .iii)- V. 6: “eu encontrei-o” (E jeo j’ai trové);
- [...]
- .iv)- V. 113: “fez um novo lai” (fet un nuvel lai);
- .v)- V. 117: “disse-vos dele a verdade” (Dit vus en ai la verité);
- .vi)- V. 118: “De o lai que eu aqui contei” (Del lai que j’ai ici cunté).

Quadro 2

		Artigo	C. directo		Sujeito		Verbo		C.c.l.		C. ind.
V. 2, 3	início	o	De o, Del lai	+	---	+	cunt	+	---	+	vus
V. 112, 113	fim	um	nuvel lai	+	Tristão	+	aveit fet	+	---		---
V. 118	fim	o	De o, Del lai	+	Eu	+	cunté	+	ici	+	---

4. Em v. 2, 3, início, omite-se o sujeito do verbo referido ao contador, ao mesmo tempo que se explicita o complemento indirecto referido ao destinatário que vai ouvir o Lai.

5. Em v. 118, depois de o destinatário ter ouvido contar o Lai, o complemento indirecto é irrelevante, explicitando-se agora o sujeito do verbo para dar realce ao contador que já pode exhibir os seus atributos por aquilo que fez.

6. Em v. 2, 3, na altura de ir contar, o artigo definido “o” indica o Lai que pré-existe em forma oral (v. 2) composto numa língua que não se sabe qual seria. E é este Lai que vai ser contado (embora também exista em registo escrito, v. 6).

7. Em v. 112, 113, o Lai que acabou de ser contado é “o” Lai que havia sido composto por Tristão, “um” entre outros de que era Autor, ou seja, “o” Lai inicial.

8. No início diz-se qual é o assunto (v. 7, 8, 9) e lança-se uma antecipação (v. 10) que funciona como mistério até ser esclarecido o “porquê” (v. 107-111), o “quem” (v. 112) e o “como” (v. 113).

9. Em v. 118, de novo depois de ter contado, o artigo definido “o” não garante sentido unívoco, em primeiro lugar devido ao deíctico “aqui” (conforme sugerido acima em “2”):

9.1. Este “o”, podendo apontar para o lai de Tristão, parece indicar antes o lugar “aqui”, este sítio exterior onde o sujeito (eu) e o seu auditório (vós) se encontram numa sessão dedicada a contar e escutar a história de Tristão;

9.2. Ou, de preferência, a outro nível, o lugar “aqui” será o espaço da página de papel onde o sujeito “eu” (Autoria) acaba de compor em registo escrito o Lai que se percorre com os olhos.

10. Na verdade, o Lai que acabou de ser contado (que j'ai ici cunté) ou que acabou de ser lido (por cima do ombro da Autora), não é ponto por ponto aquele que já existia sobre Tristão, por ele feito, e que se disse ir ser contado (Asez me plest e bien le voil [...] vus en cunt];

10.1. O deíctico “aqui” numa primeira interpretação conota isto:

10.1.1. Contar a história em registo oral do Lai sobre Tristão consiste em ir contando, mas agora na língua do contador (ou narradora), a história que “aqui” está registada, neste texto (Lai) em suporte oral ou, de preferência, em suporte material, v.g., neste escrito poético percorrido pelos olhos do leitor actual;

10.1.2. Para contar a sua própria história (v. 107-113), Tristão teria de empregar, além da sua língua, a forma pronominal “eu” para falar de si, para fazer a sua autobiografia;

10.1.3. Depois, ao recontar uma história autobiográfica, um narrador terá de substituir o pronome “eu” pelo pronome “ele”, bem como proceder a todas as alterações de flexão verbal. Mas esta simples substituição das formas pronominais e verbais também se repercute nos modos narrativos;

10.1.4. Sob a forma pronominal “eu”, a história diz a subjectividade de Tristão (aquilo que ele pensa e sente) e refere-se aos elementos da realidade objectiva agenciados ao seu “fazer” e os dados circunstanciais captados pelo seu olhar e ouvido;

10.1.5. Ou seja, como a forma autobiográfica não permite a omnisciência, Tristão nada sabe sobre a vida do rei e da rainha, por isso tem de fazer perguntas aos camponeses e ficar a saber apenas aquilo que eles lhe disseram;

10.1.6. Sob a forma pronominal “ele”, a narradora obriga-se à focalização externa para não trair a verdade do Lai de Tristão, livre no entanto de comunicar aos destinatários as ideias, os comentários ou as apreciações pessoais sobre a história que está a contar;

10.1.7. Assim acontece com “Ne vus esmerveilliez neënt,/ Kar cil ki eime lealment,/ Mut est dolenz e trespensez,/ Quant il nen ad ses volentez.” que intercalam na história os v. 21-24 em aparte;

10.1.8. Por isso, apenas as sequências de v. 11⇒20 #[...]# 25⇒106, ou seja 92 versos (10+82), pertencem em exclusivo à história de Tristão;

10.1.9. Os outros 26 versos ficam por conta do discurso do narrador;

i)- V. 1-4: informação sobre o que se vai fazer;

ii)- V. 5-10: resumo da história;

iii)- V. 21-24: moralidade proferida pelo narrador sobre a história;

iv)- V. 107-113: explicação do mistério do v. 4, a composição do Lai por Tristão;

v)- V. 114-118: fala do sujeito sobre si (total de 26 versos: 4+6+4+7+5);

10.2. Daqui se tira a existência de duas formas de Lai, ou dois Lai delimitados pelas pessoas gramaticais utilizadas ao longo do discurso do texto;

10.2.1. O enunciado na 3ª pessoa identifica o Lai autobiográfico protagonizado por Tristão, Lai-1;

10.2.2. Este enunciado na 3ª pessoa mais o enunciado na 1ª pessoa, que abrange as intervenções próprias da contadora, compõem o Lai-2.

10.2.3. E nisto se distinguem os dois Lai:

i)- o Lai-1 define-se como história e o Lai-2 como diegese;

ii)- Tristão é o protagonista “ele” da história contada e Autor do Lai-1 (eu autobiográfico);

iii)- Aquela que diz “eu” é contadora dessa história (de ele) e autora integrada na diegese;
 iv)- E, por efeito cumulativo homológico, aquela que diz “eu” é a Autora (extratextual) do Lai-2, este que “eu” acabei de contar “aqui”, assinalado no exacto fechamento do texto (v. 118, *Del lai que j'ai ici cunté*).

11. Formalmente as coisas passam-se assim:

i)- A contadora que converte a autobiografia em biografia é a narradora responsável por esta transformação modal;

ii)- Esta contadora-narradora sustenta também, a nível supra narrativo (intratextual), a imagem da autoria intratextual da “Introdução” e “Conclusão” englobantes da história.

12. Isto que pertence à forma interna do texto não diz tudo, ou elide o essencial, como se pode deduzir da informação do Quadro abaixo.

Quadro 3

V. 5	Plusurs le m´unt cunté e dit	Saber anterior sobre o Lai de Tristão
V. 6	E jeo l'ai trové en escrit	
V. 7	De Tristram e de la reïne,	Resumo da história do Lai de Tristão
V. 8	De lur amur que tant fu fine,	
V. 9	Dunt il eurent meinte dolur,	
V. 10	Puis en mururent en un jur.	Saber posterior sobre a história de Tristão

13. O que é exposto nos v. 5 e 6 integra-se no texto cultural da época, identificado como somatório dos textos individuais em circulação e fazendo parte do saber enciclopédico da autoria intratextual sustentada pela narradora, v.g., autoria engendrada pela diegese;

14. Os resumos dos v. 7, 8 e 9 pertencem à competência-saber acerca da história que vai ser comunicada, e este é um atributo da contadora-narradora;

15. A informação do v. 10 tem outro alcance:

15.1. Não pode logicamente pertencer à história autobiográfica do Lai-1 porque Tristão não dispunha de poderes transcendentais para profetizar o seu futuro;

15.2. Não pode ser atribuída à narradora devido à interdição de violar o princípio da verdade da história de Tristão, além de que a eventual omnisciência do narrador é interior à diegese;

15.3. Não pode caber nas prerrogativas de saber da autoria intratextual por ela se encontrar emalhada na diegese, encerrada na textura que subsume o Lai-1 de Tristão;

15.4. Na realidade, a informação do v. 10 assemelha-se a uma prolepse externa:

15.4.1. Por função reporta-se a um momento epocal que teria de exceder o intervalo de tempo representado pelas vivências de Tristão e Iseu no Lai-1;

15.4.2. O seu alcance projecta-se, de facto, para o futuro longínquo de uma história que deveria ser ainda vivenciada por Tristão e Iseu, como mostra a citação seguinte.

Citação 1

«[...] Ço m´est, amie, grand confort/ Que pité avez de ma mort.»/ «Amie Ysolt» teis feiz dit,/ A la quarte rend l´esprit. [...] Ysolt vait la ou le cors veit,/ Si se turne vers orïent,/ Pur lui prie pitusement: «Ami, Tristram, quando mort vus vei,/ Par raisun vivre puis ne dei./ Mort estes pur la mei amur,/ E jo muer, amis, de tendrur/ Quand a tens ne poi venir».
 (Thomas, *Le Roman de Tristan, Tristan et Iseut*, Paris, Le livre de Poche, 1989, p. 476-479).

«[...] Amiga, é para mim uma grande consolação saber que tereis piedade da minha morte.» Repetiu três vezes: «Amiga Iseu!» À quarta morreu. [...] Iseu chega junto do corpo, vira-se para oriente e reza piedosamente por Tristão: «Amigo, vendo-vos morto, não posso nem devo desejar viver. Vós morrestes de amor por mim e eu morro de ternura por vós, meu Amigo, porque eu não cheguei a tempo.

16. Tal como no caso dos v. 5 e 6, este saber sobre o destino de Tristão e Iseu também se integra no texto cultural da época, mas não consta do saber da autoria intratextual uma vez que a sua enciclopédia não pode abranger o futuro em relação ao tempo da história;
17. Como mostra o grafismo do Quadro 1, o v. 1 (Asez me plest e bien le voil) e o v. 118 (Del lai que j'ai ici cunté) desempenham uma dupla função:
- 17.1. Por um lado, assinalam a abertura e finalização do texto poético que encerra a autoria intratextual na diegese, diegese que, por sua vez, encerra a narradora da história;
- 17.2. Por outro lado, na forma escrita, os mesmos versos delimitam a mancha gráfica visível chamada poema que interrompe a continuidade branca da folha de papel;
- 17.3. Veja-se ainda o conteúdo de dois versos essenciais:
- 17.3.1. A informação do v. 9 (Dunt il eurent meinte dolur) aponta para o interior do texto, para as duas situações descritas nos v. 19 e 20 (Mes puis se mist en abandon, De mort e de destructiun), bem como nos v. 99 e 100 (E que mut li aveit pesé, De ceo qu'il l'ot si cungeé);
- 17.3.2. Em sentido contrário ao que se viu acima (10.2.3. i, ii, iii, iv), a informação do v. 10 (Puis en mururent en un jur) aponta para o exterior do texto (cf. Citação 1), para o saber da Autoria da mancha gráfica poética e para o contexto histórico e cultural que lhe inspirou o Lai-2, ou seja, o tal futuro dos passados de Tristão e da autora intratextual.
18. Retomando dois os conceitos antes referidos (11. i, ii) “diegese” e “englobante” da história (Lai-1) no texto (Lai-2) ainda se tiram outros efeitos estruturantes:
- 18.1. A materialidade de um poema implica sempre a existência de uma Autoria empírica, mas nem sempre essa Autoria sinaliza a sua presença, ao contrário de Marie de France que a deixa conotada na antecipação do v. 10, daí resultando duas consequências formais;
- 18.1.1. Primeiro, o Lai-2 (da Autoria Marie de France) concretiza uma “mise-en-abyme” *a contrario*, com a história do Lai-1 (de Tristão) projectada dentro da diegese (Lai-2);
- 18.1.2. Depois, o Lai-2 configura um nítido exemplo de “auto-referencialidade”:
- .i)- A instância autoral (v. 2-9, 114-117), encatalizada no intratexto, supra-segmental em relação à instância narrativa, aponta para o nível inferior, precisamente para a essa instância narrativa de registo oral que converte o “eu” em “ele” (no Lai-1);
- .ii)- Ao mesmo tempo, a mesma instância autoral refere (v. 1, 118) por homologia o exterior do texto, a instância Autoral sem a qual o texto escrito (Lai-2) não existiria.
19. Uma vez que se evocou o conceito de instância vem a propósito explicitar o estatuto dos sujeitos que nelas se realizam, definidos em sentidos estritos;
- 19.1. Sujeito de enunciado, o sujeito “eu” das frases gramaticais que enunciam a história, nesta ocorrência relativas ao sujeito “ele”, Tristão, ao seu “fazer”, “pensar”, “sentir”, “querer”, “ver” de protagonista (v. 11-76; 79-113);
- 19.2. Sujeito de enunciação enunciada que se identifica com as ocorrências expressas de “eu” sujeito do discurso, do “dizer-narrar” a história de Tristão e ainda do “dizer” todas as demais intervenções (v. 1, 3, 5, 6, 114, 117, 118);
- 19.3. Sujeito de enunciação, por definição implícito e, por isso, problemático, designado por um “eu” a que podem corresponder diversas identidades funcionais;
- .i)-Sujeito de enunciação “eu”, com função de narrador rasurado nos enunciados onde o “ele” ocorre como sujeito-protagonista da história (cf. 19.1);
- ii)- Sujeito de enunciação “eu” desdobrado em duas funções, um implícito “eu” com a função

geradora rasurada e o “eu” sujeito de enunciação enunciado (cf. 19.2);

iii)- Sujeito de enunciação “eu” na citação (v. 77, 78) «Bele amie, si est de nus:/ Ne vus sanz mei, ne jeo sanz vus.» expresso em três funções, um “eu” Tristão personagem, um “eu” Tristão narrador autobiográfico e um “eu” sujeito implícito com função geradora rasurada;

iv)- Este sujeito de enunciação “eu” implícito por definição, rasurado no que respeita às suas funções e figuração, nem sempre elide as marcas da sua presença:

1. Se la reïne s'aparceit,/Ki mut grant garde s'en perneit/ (Autre feiz li fu avenu/ Que si l'aveit aparceü) (v. 55-58);

2. «Bele amie, si est de nus:/ Ne vus sanz mei, ne jeo sanz vus.» (v. 77, 78);

Em “1”, os parêntesis curvos “()” que indicam um aparte, em “2” as aspas baixas “« »” que delimitam uma citação *ipsis verbis* e, em geral, a ortografia maiúscula no início dos versos e os sinais do código de pontuação constituem exemplos materiais do registo da escrita (detectados apenas pelo olhar aplicado ao grafismo), evidentes conotadores do “eu” sujeito de enunciação com a função de Autoria da escrita-composição-poema, Marie de France Autora do Lai-2.

20. Se a metáfora da nuvem conota o pouco que se sabe da escritora Marie de France (e do seu público), a Autoria Maria de France pode ser edificada pelos seus leitores a partir da sua imagem refratada de autoria que, no texto, se dissemina em forma das linguagens de época: ordem social, concepções e maneiras de ver o mundo, valores, sentimentos, atitudes, factos, conceitos, lexemas, tópicos (morte por amor, raridade da escrita, banimento, avelaneira, etc.).



Iluminura medieval (Imagem adaptada. Acedida em 29/07/2016). Disponível em:
<http://vivre-au-moyen-age.over-blog.com/article-12858530.html>.



Copistas medievais (Imagem adaptada. Acedida em 29/07/2016). Disponível em:
<https://medievalfragments.wordpress.com/2013/11/05/where-are-the-scriptoria/>.

Adaptação prosaística

Lai du Chevreuille (Chevrefoil) de Marie de France Versão de referência	Lai da Madressilva - Tradução
<p>J'aurais beaucoup de plaisir à raconter le Lai du Chèvrefeuille, mais je veux auparavant vous apprendre pourquoi il fut fait.</p> <p>Vous saurez donc que je l'ai entendu réciter plusieurs fois et que je l'ai même trouvé en écrit. Je parlerai de Tristan, de sa mie Yseult la blonde, de leur amour extrême qui leur causa tant de peines, et de leur mort qui eut lieu le même jour.</p> <p>Le Roi Marc fort irrité contre son neveu, le chassa de son royaume parce qu'il aimoit la reine, dont il étoit tendrement aimé. Tristan revint dans le Southwales sa patrie, où il demeura pendant une année. L'éloignement de sa belle, l'ennui de l'absence, le conduisoient insensiblement au tombeau. Ne vous étonnez pas de l'état du chevalier; ceux qui aiment loyalement ressentent les mêmes douleurs quand ils éprouvent des maux pareils.</p> <p>Pour dissiper son chagrin, Tristan quitte sa patrie et se rend dans la Cornouailles, province que la belle Yseult habitoit. Voulant se dérober à tous les regards, il habitoit une forêt, de laquelle il ne sortoit que le soir ; et quand venoit la nuit, il alloit demander l'hospitalité à des paysans, puis s'informoit près d'eux des nouvelles de la ville et de la cour, et de ce que faisoit le roi. Ceux-ci lui répondirent qu'ils avoient entendu dire que les barons bannis de la cour, s'étoient réfugiés à Tintagel; que le roi, aux fêtes de la Pentecôte, tiendroit dans cette ville une cour plénière extrêmement belle, où l'on devoit beaucoup s'amuser, enfin que la reine devoit y assister.</p>	<p>Grande será o meu prazer em contar o Lai da Madressilva, mas antes quero-vos explicar por que motivo foi feito.</p> <p>Sabei então que muitas vezes o ouvi recitar e que cheguei mesmo a vê-lo em forma escrita. Falar-vos-ei de Tristão, da sua amada Iseu a loura, do seu amor extremo que tantas penas lhes causaria e da morte de ambos ocorrida no mesmo dia.</p> <p>Muito irado com o sobrinho o Rei Marc expulsou-o do seu reino, por ele amar a rainha e ser por ela ternamente amado. Tristão retornou a Gales do Sul, à sua pátria, e todo um penoso ano por aí andou. Afastado da amada, a mágoa da sua ausência lentamente aprontava-o para a morte. Não vos cause surpresa o estado do cavaleiro: quem ame lealmente sentirá as mesmas amarguras em cada vez que vier a padecer de males como os dele.</p> <p>Para acabar com o seu sofrer, Tristão abandona a sua pátria e dirige-se para a Cornualha, terra onde vivia a bela Iseu. Por se querer furtar a todos os olhares, habitava numa floresta, de onde apenas saía à tarde. Ao cair da noite, ia procurar hospitalidade junto dos camponeses, e pedia-lhes notícias da cidade, da corte e daquilo que o rei fazia. Eles responderam terem ouvido que <i>os barões afastados da corte, haviam sido convocados pelo rei a comparecerem em Tintagel, onde queria reunir as cortes pelo Pentecostes</i>⁽¹⁾. Que na cidade iam ocorrer belíssimas festas onde todos muito se deveriam divertir e que, enfim, também a rainha estaria presente e a eles assistiria.</p>

Tristan fut d'autant plus enchanté de ce qu'il venoit d'apprendre que la reine devoit infailliblement traverser la forêt pour se rendre à Tintagel. En effet, le roi et son cortège passèrent le lendemain. Yseult ne devoit pas tarder à venir; mais comment lui apprendre que son amant est si près d'elle ? Tristan coupe une branche de coudrier, la taille carrément et la fend en deux, sur chaque côté de l'épaisseur il écrit son nom avec un couteau, puis met les deux branches sur le chemin, à peu de distance l'une de l'autre. Si la reine aperçoit le nom de son ami, ainsi que cela lui étoit déjà arrivé, il n'y a pas de doute qu'elle ne s'arrête.

Elle devineroit sur-le-champ qu'il avoit longtemps attendu pour la voir. D'ailleurs elle ne peut ignorer que Tristan ne peut vivre sans Yseult, comme Yseult ne peut vivre sans Tristan. Il vous souvient, disoit-il en lui-même, de l'arbre au pied duquel est planté du chèvrefeuille. Cet arbuste monte, s'attache et entoure les branches. Tous deux semblent devoir vivre longtemps, et rien ne paroît pouvoir les désunir. Si l'arbre vient à mourir, le chèvrefeuille éprouve sur-le-champ le même sort. Ainsi, belle amie, est-il de nous. Je ne puis vivre sans vous comme vous sans moi, et votre absence me fera périr.

« Belle amie, ainsi en est-il de nous :
Ni vous sans moi, ni moi sans vous ! »

La reine montée sur un palefroi arrive enfin; le bâton sur lequel étoit écrit le nom de son ami, frappe ses regards; elle voit le nom de Tristan qui ne peut être éloigné. Mais comment se dérober à cette suite de chevaliers qui l'accompagne? Elle fait arrêter le cortège sous prétexte de profiter de la beauté du lieu et de se reposer. Elle défend de la suivre, ses ordres sont exécutés et bientôt elle est loin de sa suite. Son amie

Tristão ficou tanto mais encantado com o que acabava de ouvir quanto a rainha devia infalivelmente atravessar a floresta na ida para Tintagel. Na verdade, o rei com o seu cortejo passara no dia seguinte. Iseu não deveria tardar a vir; mas como informá-la de que o seu amado estaria tão perto dela? Tristão cortou um ramo de avelaneira, talhou-o perfeitamente e fendeu-o ao meio, em cada lado escreveu o seu nome com uma faca e colocou as duas metades no caminho, não muito longe uma da outra. Se por acaso a rainha reparasse no nome do seu amado, como já tinha acontecido outras vezes, ele não teria dúvida de que ela se deteria.

Ela chegou tão depressa quanto longo foi o tempo que ele esperou para a ver. Aliás ela não ignorará que Tristão não pode viver sem Iseu, como Iseu não pode viver sem Tristão. Vós lembrai-vos, dizia para consigo, da árvore junto da qual está implantada uma madresilva. O arbusto sobe, agarra-se e envolve as pernadas e os ramos. Ambos parecem dever viver muito tempo e nada parece desuni-los. Se a árvore vier a morrer a madressilva terá o mesmo destino. Assim é, minha amada, assim se passa conosco. Eu não poderei viver sem vós como vós não podereis sem mim, a vossa ausência causar-me-á a morte.

«Minha amada, assim sucede conosco
Nem vós sem mim, nem eu sem vós»

A rainha montada num cavalo chega por fim; o bastão onde estava gravado o nome do seu amado, salta-lhe aos olhos, ela revê o nome de Tristão que não pode estar muito longe. Mas como se furtar ao séquito da cavaleiros que a seguem? Ela manda parar o cortejo sob o pretexto de desfrutar da beleza daquele lugar e de repousar. Proíbe-os de acompanharem, as suas ordens são acatadas e depressa está longe do seu séquito. A sua

Brangien, la confidente de ses amours est la seule qui la suive. A peine entrée dans le bois, Yseult vit devant elle celui qu'elle aimoit plus que la vie.

Dieu! quel bonheur, et que de choses à se dire après une aussi longue absence ! Elle lui fait espérer un prompt retour, et d'obtenir sa grace auprès du roi son époux. Combien j'ai souffert de votre exil! Mais, cher ami, il est temps de nous quitter et je ne le puis sans répandre des pleurs. Adieu, je ne vis que dans l'espérance de vous revoir bientôt. Yseult alla rejoindre sa suite, et Tristan retourna dans le pays de Galles, où il demeura jusqu'à son rappel.

De la joie qu'il avoit éprouvée en voyant son amie, et du moyen qu'il avoit inventé à cet effet, de la promesse qu'elle lui avoit faite, de tout ce qu'elle lui avoit dit, Tristan qui pinçoit supérieurement de la harpe en fit un Lai nouveau. De ce Lai que j'ai ici conté je donnerai le nom. Les Anglois le nomment Goatleaf et les François le Chevrefeuille. Voici la vérité de l'aventure que vous venez d'entendre et que j'ai mise en vers.

[http://jacques.prevost.free.fr/moyen_age/laichevrefoil FR.htm](http://jacques.prevost.free.fr/moyen_age/laichevrefoil_FR.htm)
(acedido em 10/07/2016)

amiga Brangiana, confidente dos seus amores, é a única a acompanhá-la. Mal entra no bosque, Iseu vê diante de si aquele que ela amava mais do que a própria vida.

Grande Deus! Que felicidade e quantas coisas tinham para se dizerem após tão longa ausência. Ela cria nele a esperança de um rápido regresso obtendo o perdão para ele junto do rei seu esposo. Quanto sofri com o vosso exílio! Mas, meu amor, chegou a altura de nos separarmos e eu não posso fazê-lo sem chorar. Eu só vivo na esperança de vos rever em breve. Iseu foi-se reunir ao seu séquito, e Tristão de novo regressou ao país de Gales, de onde não saiu até ser chamado.

Da alegria que ele tinha vivenciado por ter visto a sua amada, e do estratagema que inventou para isso, da promessa que ela lhe fizera, de tudo o que ela lhe tinha dito, Tristão que dedilhava divinamente a sua harpa fez um novo Lai. Deste Lai que eu aqui contei direi o nome. Os Ingleses chamam-no de Goatleaf e os franceses a Madressilva. Eis a verdade da aventura que vós acabais de escutar e que eu compus em verso.

Tradução de Alberto Carvalho
(1) Acerto do sentido na reinterpretação do sintagma "barons bannis".



Trajes em matrimónio medieval (Imagem adaptada (Acedida em 10/08/2016). Disponível em: <http://matthieu-et-aurore-lemariage.com/2015/09/25/heritage-medieval-dans-nos-mariages/#.V6sIhML6vIU>



Trajes em matrimónio medieval (Imagem adaptada. Acedida em 29/07/2016). Disponível em: http://www2.ac-toulouse.fr/eco-renan-toulouse/moyen_age/religieux.htm



Lirismo Medieval (Imagem adaptada. Acedida em 29/07/2016).

Disponível em: <http://blog.mosiejczuk.pl/la-place-de-la-femme-dans-l%E2%80%99amour-courtois->.

Forma poética (Original)

<p>Lai du Chevrefoi (Chevrefeuille) de Marie de France</p>	<p>Lai da Madressilva</p>
<p>Asez me plest e bien le voil, Del lai qu'hum nume <i>Chevrefoil</i> Que la verité vus en cunt Pur quei fu fez e dunt.</p> <p>5 Plusur le m'unt cunté e dit E jeo l'ai trové en escrit De Tristram e de la reïne, De lur amur ki tant fu fine, Dunt il eurent meinte dolor,</p> <p>10 Puis en mururent en un jur.</p> <p>Li reis Marks esteit curuciez, Vers Tristram sun nevuz iriez; De sa tere le cungea Pur la reïne qu'il ama.</p> <p>15 En sa cuntree en est alez; En Suhtwales, u il fu nez, Un an demurat tut entier, Ne pot ariere repeirier; Mes puis se mist en abandon</p>	<p>Muito me apraz e assim desejo, Do lai <i>Madressilva</i> chamado A verdade da história contar E de quem o fez e seu ensejo.</p> <p>5 Muitas vezes o ouvi recitar E eu mesma o vi por escrito De Tristão e de a rainha, E do seu amor tão sublime, Que tantas mágoas lhes daria,</p> <p>10 E morreram no mesmo dia.</p> <p>O rei Marco estava irritado, contra Tristão o seu sobrinho; Da sua Corte foi afastado Por ele muito amar a rainha.</p> <p>15 Foi para o país de onde era; Em Gales do Sul, sua terra, Durante um ano aí ficou, Sem que pudesse regressar; Depois caiu em desalento</p>

20	De mort e de destructiun. Ne vos esmerveilliez neënt, Kar cil ki eime lealment, Mut est dolenz e trespensez, Quant il nen ad ses volentez.	20	De morte e de abdicação. Não seja causa de surpresa, Pois quem ama bem lealmente, Pena grande mágoa e tristeza, Se não tem o que muito preza.
25	Tristram est dolent e pensis, Pur ceo s' esmut de sun país. En Cornvaille vait tut dreit, La u la reïne maneit. En la forest tuz suls se mist:	25	Tristão meditava e sofria, Pensa em deixar o seu país. Vai decidido pra Cornualha, Lá onde a rainha estava. Escondeu-se bem na floresta:
30	Ne voleit pas que hum le veïst. En la vespree s'en eisseit, Quant tens de herberger esteit. Od paï sanz, od povre gent, Perneit la nuit herbergement;	30	Não querendo ser descoberto, Só ao fim da tarde saía, Para encontrar uma guarida. Camponeses, pobres de Deus, Abrigam-no durante a noite;
35	Les noveles lur enquereit Del rei cum il se cunteneit. Ceo li dïent qu'il unt oï Que li barun erent bani, A Tintagel deivent venir:	35	Dão-lhe as notícias que queria Sobre o rei e o que ele fazia. Dizem o que têm ouvido Os barões ausentes banidos, Eram chamados a Tintagel;
40	Li reis i veolt sa curt tenir, A Pentecuste i serunt tuit, Mut i avra joie e deduit, E la reïnë i sera.	40	Para o Rei ter a sua corte, Reunida no Pentecoste, Festa e pazeres a haveria, E que a rainha aí estaria.
45	Tristram l'oï, mut se haita: Ele ne purrat mie aler K'il ne la veie trespasser. Le jur que li rei fu meüz, Tristram est el bois revenuz. Sur le chemin que il saveit	45	Tristão muito se alegrava: Ela não podia ir para lá Sem que ele a visse passar. Quando o rei fez sua viagem, Tristão recolheu-se à floresta. Num lugar onde ele bem sabia
50	Que la rute passer deveit, Une codre trencha par mi, Tute quarreie la fendi. Quant il ad paré le bastun, De sun cutel escrit sun nun.	50	Ser o trilho da comitiva, Fende um ramo de avelaneira, E as suas faces bem alisa. Tendo afeiçoado o bastão, Com a faca gravou seu nome.
55	Se la reïne s'aparceit, Ki mut grant garde s'en perneit (Autre feiz li fu avenu Que si l'aveit aparceü) De sun ami bien conustra	55	Se a rainha o vir por acaso, Muito atenta a estes sinais (Como já tinha acontecido Assim ficaria advertida) Pensando ser do seu amigo
60	Le bastun, quant el le verra.	60	O bastão logo que o visse.

<p>Ceo fu la summe de l'escrit Qu'il li aveit mandé e dit: Que lunges ot ilec esté E atendu e surjurné 65 Pur espïer e pur saveir Coment il la peüst veer, Kar ne poeit vivre sanz li. D'euls deus fu il tut autresi Cume del chievrefoil esteit 70 Ki a la codre se perneit: Quant il s'i est laciez e pris E tut entur le fust s'est mis, Ensemble poent bien durer, Mes ki puis les voelt desevrer, 75 Li codres muert hastivement E li chievrefoilz ensemment. «Bele amie, si est de nus: Ne vus sanz mei, ne jeo sanz vus.»</p>	<p>O que escreveu na mensagem Por ele enviada dizia: Que desde há muito estava ali E via passarem os dias 65 Cuidando procurar saber Como ele a poderia ver, Pois sem ela não viveria. Que um e outro pareciam Uma madressilva enlaçada 70 Num tronco de avelaneira: Quando se enrolam e abraçam Com os caules bem apertados, Juntos viverão muito tempo, Mas se alguém os separasse, 75 Logo a avelaneira morria E como ela a madressilva. «Querida amiga, assim conosco: Nem vós sem mim, nem eu sem vós!»</p>
<p>La reïne vait chevachant. 80 Ele esgardat tut un pendant, Le bastun vit, bien l'aparceut, Tutes les lettres i conut. Les chevaliers ki la menoent, E ki ensemble od li erroent 85 Cumanda tuz a arester: Descendre voet e resposer. Cil unt fait sun commandement. Ele s'en vet luinz de sa gent; Sa meschine apelat a sei, 90 Brenguein, ki mut ot bone fei. Del chemin un poi s'esluina, Dedenz le bois celui trova Que plus amot que rien vivant: Entre eus meinent joie mut grant. 95 A li parlat tut a leisir E ele li dit sun pleisir; Puis li mostra cumfaitement Del rei avrat acordement, E que mut li aveit pesé 100 De ceo qu'il l'ot si cungeé: Par encusement l'aveit fait. Atant s'en part, sun ami lait.</p>	<p>A rainha ia cavalgando. 80 Ia olhando para diante, Viu o bastão, bem percebeu, Reconheceu as suas letras. Aos cavaleiros que seguiam, Juntos a ela no seu séquito 85 Deu ordem para se deterem: Quis aprear-se e repousar. Como ordenou assim se fez. Ela afasta-se da sua gente; Chama a si a sua donzela, 90 Brangiana, a amiga fiel. E alonga-se no caminho, Logo no bosque ia encontrar Quem a rainha mais amava: Grande alegria de se verem. 95 De tudo falaram sem medo E ela diz-lhe o seu prazer; Depois mostra-lhe como pedir Ao rei que o perdão lhe cedesse, Mui grande fora o seu pesar 100 Quando o rei o tinha banido: Por ter sido denunciado. Vai partir, deixar seu amado.</p>

<p>Mes quant ceo vint al desevrer, Dunc comencierent a plurer.</p> <p>105 Tristram en Wales s'en rala Tant que sis uncles le manda.</p> <p>Pur la joie qu'il ot eüe De s'amie qu'il ot veüe E pur ceo k'il aveit escrit,</p> <p>110 Si cum la reïne l'ot dit, Pur les paroles remembrer, Tristram, ki bien saveit harper, En aveit fet un nuvel lai; Asez briefment le numerai:</p> <p>115 <i>Gotelef</i> l'apelent en Engleis, <i>Chevrefoil</i> le nument Franceis. Dit vus en ai la verité Del lai que j'ai ici cunté</p> <p>---</p> <p>Bibl. Marie de France, <i>Lai de Chèvrefeuille</i>, in <i>Tristan et Iseult</i> Les poèmes français La saga norroise, Paris, Le Livre de poche/LGF, 1989, p. 307-313.</p>	<p>Mas tão logo se vão separar, Ambos desatam a chorar.</p> <p>105 E Tristão voltava pra Gália, Como seu tio havia mandado.</p> <p>Por causa da sua alegria De a sua amada ter visto O que ele lhe havia escrito,</p> <p>110 E o que por ambos foi dito, Para recordar tais palavras, Tristão, de hábil harpear, Compôs com isso um novo lai; O nome lhe dou numa palavra:</p> <p>115 <i>Gotelef</i> se chama em Inglês, <i>Chevrefeuille</i> é o nome Francês. Disse-vos a verdade dele Do lai que eu aqui contei.</p> <p>---</p> <p>Tradução de Alberto Carvalho Critérios: 1. Conservação do verso octossilábico (livre) 2. Acentuação dos nexos lógico-diegéticos 3. Observância dos sentidos lexicalizados.</p>
--	--

Bibliografia sumária

- . *Le Roman de Tristan et Iseult*, renouvelé para Joseph Bédier, Paris, H. Piazza, 1920.
- . (Ed. portuguesa, *O Romance de Tristão e Isolda*, renovado por Joseph Bédier, Lisboa, Sistema Solar, 2012).
- . *Tristan et Iseult*, Renewelé en Français Moderne d'après les textes des XII^e et XIII^e siècles, par René Louis, Paris, Le Livre de Poche/LGF, 1972.
- . *Tristan et Iseult*, Les Poèmes Français, La Saga Norroise, Paris, Le Livre de Poche/LGF, 1989.



Dança medieva (Acedida em 7/08/2016)
Affresco intitolato "Gli effetti del buon governo" di Ambrogio Lorenzetti,
nel Palazzo Pubblico di Siena"
Disponível em: www.jongleurs.it/danza.html



Dança medieva (Acedida em 7/08/2016)
Disponível em: www.jongleurs.it/danza.html